

**Incidência de plágio no webjornalismo:
análise de uma notícia coberta por veículos de comunicação *on-line***

***Incidence of plagiarism in webjournalism:
analysis of a news story covered by online media***

Francisco das Chagas Silva SOUZA¹
Edilana Carlos da SILVA²
Maria Joseane Rodrigues SILVA³

Resumo

Neste artigo, analisamos uma cobertura jornalística referente à saída da presidiária Suzane Richthofen para passar o dia das mães fora da prisão em maio de 2019. Motivou-nos analisar se existe a incidência de plágio ou não nas 28 notícias que compõem a cobertura desse fato. O estudo se deu por meio de um levantamento das matérias disponíveis no *Google* Notícias, derivadas das publicações de várias instituições do webjornalismo brasileiro. Como base teórica utilizamos as discussões sobre plágio, autor, autoria, ética e ciberespaço desenvolvidas por Vaz (2006), Lévy (1999), McLuhan (1964), Foucault (1969), Barthes (1988), Bakthin (2011), Possenti (2002), entre outros. Quanto aos resultados, foi comprovado a presença de grande incidência de plágio nas notícias, ferindo, assim, os direitos dos autores que as produziram, contribuindo para um webjornalismo repetitivo e sem ética.

Palavras-chave: Webjornalismo. Plágio. Autor/autoria. Ética.

Abstract

In this article, we analyzed a press coverage regarding the exit of the prisoner Suzane Richthofen to spend Mother's Day out of prison in May 2019. It motivated us to analyze whether or not there is the incidence of plagiarism in the 28 news articles that make up the coverage of this case. The study was conducted through a survey of the articles available on *Google* News, derived from the publications of various institutions of Brazilian webjournalism. As a theoretical basis we used the discussions about plagiarism, author, authorship, ethics, and cyberspace developed by Vaz (2006), Lévy (1999), McLuhan (1964), Foucault (1969), Barthes (1988), Bakthin (2011), Possenti

¹¹ Doutor em Educação (UFRN). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UERN/UIFRN/UFERSA), do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (IFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. E-mail: chagas.souza@ifrn.edu.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ensino (UERN/IFRN/UFERSA). E-mail: edilannacarlos@hotmail.com

³ Graduada em Letras – Língua Portuguesa (UERN). E-mail: edilannacarlos@gmail.com

(2002), among others. As for the results, the presence of a high incidence of plagiarism in the news was proven, therefore, injuring the rights of the authors who produced them, contributing to a repetitive and unethical webjournalism.

Keywords: Webjournalism. Plagiarism. Author/authorship. Ethics.

Introdução

Com o advento da internet, a forma de apurar e fazer notícias foi mudada radicalmente devido ao fator tempo. Essa realidade contribui, literalmente, para a grande incidência de plágio entre os veículos de comunicação, pois as instituições de jornalismo visam divulgar as principais notícias do Brasil e do mundo, garantindo, assim, o ineditismo, a rapidez em informar e a eficiência de estarem à frente dos demais concorrentes na hora de publicar os fatos. Esta prática pode garantir lucro para a indústria da informação, visto que basicamente as instituições do webjornalismo sustentam-se das publicidades e propagandas publicizadas em seus sites.

Dessa forma, na plataforma virtual, no contexto do ciberespaço, o webjornalismo divide-se entre a cobertura dos fatos e a imediatez para publicar as notícias, visto que essa cultura de cobertura em tempo quase real aos acontecimentos se naturalizou no meio social jornalístico globalizado. Assim, devido à pressa, muitas vezes plagiar notícias é a escolha “certa” para não correr o risco de “ficar atrás” das divulgações dos demais concorrentes *on-line*. Isso acontece, principalmente, quando se trata de “notícias quentes” acontecidas com pessoas famosas e os sites não podem cobrir imediatamente os fatos.

Sob a ótica da incidência de plágio no jornalismo, esta pesquisa teve como objetivo analisar uma cobertura jornalística *on-line*, disponível no *Google Notícias*, alusiva à saída de Suzane Von Richthofen para passar o dia das mães fora do presídio, no dia 8 de maio de 2019. A jovem branca e de classe média alta foi condenada a 39 anos e 6 meses por planejar o assassinato dos pais⁴, Manfred Albert Von Richthofen e Marísia Von Richthofen, em 2002. A polêmica midiática construída em relação ao

⁴ O casal Manfred Albert Von Richthofen, engenheiro, alemão naturalizado brasileiro, e Marísia Von Richthofen, psiquiatra, foram assassinados em 2002, em sua casa, em São Paulo. O assassinato dos Richthofen fora planejado pela filha Suzane Richthofen, 18 anos, e executado pelos irmãos Daniel Cravinhos de Paula e Silva, namorado de Suzane, e Cristian Cravinhos de Paula e Silva.

“caso Richthofen” é tão grande que esse assassinato está gerando um longa-metragem dirigido por Maurício Eça, intitulado “A menina que matou os pais”, um drama psicológico do cinema nacional que narra o julgamento da ré e dos demais réus confessos.

Em relação à metodologia, trata-se de revisão bibliográfica e pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, a qual investiga minúcias subjetivas da pesquisa em análise. A partir dessa perspectiva e enfoque, produzimos um levantamento bibliográfico como forma de embasar a nossa pesquisa, bem como realizamos análise nas notícias.

O texto divide-se em dois momentos. No primeiro, fizemos uma revisão bibliográfica acerca das discussões sobre webjornalismo e plágio, e, em seguida, apresentamos o conceito de autor/autoria, com base em Foucault (1969), Barthes (1988), Bakhtin (2011) e Possenti (2002), bem como a análise das notícias realizada em junho de 2019.

A escrita jornalística no ciberespaço: entre o plágio e a ética

O advento da internet provocou mudanças radicais na forma de fazer jornalismo. Desde a década de 1990 aos dias atuais, as características que norteiam as produções e as publicizações das notícias vêm sofrendo mudanças, principalmente, proporcionadas pelas novas comunicações digitais. Na era digital, o gênero impresso vem perdendo espaço para o *on-line*, mudando hábitos e tradições nas redações jornalísticas e no consumo das notícias, publicadas em tempo quase real aos acontecimentos.

Conforme Palacios (2003), no contexto do jornalismo digital a figura de linguagem configura-se num novo gênero informativo mais dinâmico e imediato porque o webjornalismo personaliza-se por meio de características como a hipertextualidade, a multimídia, a tendência da customização da notícia na era digital, a memória, a personalização, a interatividade e a instantaneidade do acesso, possibilitando, logo, a constante atualização das informações pelo público consumidor de notícias *on-line*. Dessa forma, as empresas de comunicação sofrem consequências no contexto dessas mudanças tecnológicas na era digital.

O jornalismo *on-line* constitui-se num marco diante das linguagens produzidas

pelos veículos de comunicação televisão e rádio, os quais foram impactados pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs). A partir do ciberespaço e das NTICs, nunca mais o jornalismo foi pensado como antes devido ao fato da hipertextualidade⁵ proporcionar linguagens organizadas de forma multilinear, corroborando para o entendimento mais dinâmico, rápido e interativo das notícias por meio de vídeos, imagens, áudios, textos, etc.

Para Lévy (1999, p. 94-95) o ciberespaço é

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

O autor explica que o crescimento do ciberespaço pauta-se pela inteligência coletiva ancorada pela diversidade de sujeitos, pela interconexão local ou mundial e pela criação virtual de comunidades, as quais dialogam num contexto de troca e cooperação de ideias e relacionamentos mútuos. Dessa maneira, o ciberespaço “[...] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p. 17).

No contexto do ciberespaço, do mundo num *click*, a escrita jornalística foi ganhando nova configuração amparada pelo avanço das novas comunicações digitais, as quais possibilitam as pessoas se comunicar e interagir com outras de qualquer parte do mundo ao trocarem informações por meio de linguagens tecnológicas, acessíveis, criativas, modernas e rápidas, modificando a velha forma de escrita linear e impressa pela a da hipertextualidade.

A partir do contexto do ciberespaço, nasce a cibercultura, fenômeno proporcionado pelo advento da internet e dos avanços tecnológicos das telecomunicações, a qual “[...] especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

⁵ A hipertextualidade tem como objetivo proporcionar leituras mais dinâmicas, coletivas e interativas porque se configura com textos dentro de outros, mudando a tradicional ideia de autoria e linearidade.

Nessa linha de pensamento, Lévy defende que, por meio da cibercultura, acontece a mudança da tradicional essência da cultura antes da globalização porque a cibercultura possibilita a humanidade se relacionar e interagir à distância, sem se preocupar com espaço ou forma física, preservando a universalidade e invalidando a subjetividade da totalidade.

Corroborando com essa discussão de sociedade única, de reunião das espécies humanas, McLuhan (1964) frisa que, por meio das mídias digitais, em consequência da inovação tecnológica, o homem tem fascínio pela extensão de si mesmo. Por conseguinte, os meios e as novas tecnologias contribuem para as mudanças sociais e os acontecimentos porque liberam energia que prolonga-se e repercute no meio como um todo. Nesse contexto, a cultura está conectada e converge de forma participativa para a extensão do corpo humano, encurtando distâncias, ditando regras, valores e padrões no mundo interligado sob a ótica social, política, econômica e cultural; semelhante a uma aldeia global massificada. Esta é uma das consequências da globalização para a sociedade moderna, proporcionada pela nova linguagem das mídias de massa, isto é, das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), bidirecional e global.

McLuhan (1964) observa como as novas tecnologias afetam a comunicação humana, e concluiu que “o meio é a mensagem”, pois também é conteúdo. O meio interfere na mensagem porque é parte do conteúdo comunicado, logo qualquer conteúdo é sempre outro meio. Os meios também influenciam assuntos culturais, políticos e aspectos sociais e econômicos. Podemos associar a ideia de aldeia global à cibercultura e a nova forma de fazer jornalismo pautado no advento e nas possibilidades da internet.

O webjornalismo configura-se como uma nova linguagem adaptada ao novo meio midiático, cuja difusão da informação está cada vez mais globalizada e socioculturalmente homogeneizada. Nesse cenário, o plágio torna-se comum, mesmo que os autores de determinadas obras mantenham relações de propriedade com seus escritos/documentos, pois esse direito é garantido pela Constituição brasileira. Copiar sem permissão e sem referenciar constitui-se crime intelectual, previsto na Lei nº 2.848/1940.

Controlar a prática do plágio, devido à grande quantidade de textos que são disponibilizados diariamente via rede, tem se tornado uma missão difícil de ser resolvida. No webjornalismo é grande a incidência de plágio, pois é muito comum

encontrarmos *blogs* e outros veículos de comunicação copiando notícias sem citar as fontes, dificultando o reconhecimento do verdadeiro autor/autoria e a origem da notícia.

A iniciativa de apropriar-se indevidamente das obras ou conceitos de intelectuais é uma prática que tem afetado a academia e os meios de comunicação de massa. Nestes, o plágio tenta justificar-se pela necessidade do processo acelerado de publicização das informações. Para Santana e Joberto, (s.d., p.1), isso tem como motivo o fato de “o pseudo-autor (plagiador), de forma ingênua ou intencional, tem cometido o plágio motivado, principalmente, pela ideia da não detecção do crime cometido”.

Para Vaz (2006), a partir do advento da internet, na era digital, faz-se muito necessário investir em ética virtual porque nesse contexto do ciberespaço, respaldado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, as quais são responsáveis por grandes mudanças no mundo contemporâneo, as questões éticas precisam ser frisadas constantemente porque prevalece nesse meio a ideia de que “tudo é de todos”, por isso não precisa referenciar nada, o que não é verdade, pois as obras têm suas fontes originais que precisam ser respeitadas.

Sabe-se que é difícil analisar manualmente a autenticidade e a autoria dos textos, de vários gêneros, disponíveis na internet. No entanto, há mais de uma década alguns *softwares* vêm sendo desenvolvidos com a finalidade de ajudar nessa difícil tarefa de detecção de plágio. Porém, por se tratar, na maioria das vezes, de sistemas de computador privado, o acesso se torna limitado devido ao investimento financeiro e “a falta de clareza dos parâmetros utilizados para majoração e qualificação do documento como plagiado, ou não, tem dificultado a aceitação e até mesmo a utilização de tais métodos” (SANTANA; JOBERTO, s.d., p.2).

Incidência de plágio: análise da cobertura *on-line* do “caso Richthofen”

Conforme já foi destacado, nossa análise pautou-se na cobertura jornalística *on-line*, disponível do *Google* Notícias, alusiva à saída de Suzane Richthofen para passar o dia das mães fora do presídio. A escolha da cobertura do “caso Richthofen” como objeto de pesquisa deu-se porque a imprensa vem fazendo desse caso, desde 2002, um *show* midiático. Um exemplo disso foi o grande volume de publicações a respeito da autorização da justiça para que a Suzane pudesse deixar a prisão no dia das mães. Para a análise das notícias, estas foram divididas considerando os títulos, subtítulos e matérias.

Porém, antes de apresentarmos a análise, consideramos importante trazer a discussão acerca do conceito de autor/autoria. A visão de Bakhtin (2011) pauta-se na figura do autor literário, na qual analisa a relação autor e personagem evidenciando a identidade do primeiro como elemento criativo inerente à obra.

Barthes (1988) critica a “tirania do autor”, a qual envolve um privilégio hermenêutico na medida em que é o autor quem determina o sentido último de sua criação por ser um direito de propriedade intelectual, fazendo dele o dono de sua criação, tanto no aspecto moral quanto patrimonial.

Possenti (2002) relaciona autor e obra, sendo esta parte inerente do autor, pois confere-lhe unidade. O autor é o sujeito do discurso, ele é responsável por sua propagação em diferentes épocas no meio social. É quem analisa a autoria por meio da análise do discurso, refletindo sobre essa questão no tocante ao juízo de valor do texto.

Foucault (1969) relaciona a noção de autor a de sujeito do discurso, como se o autor fosse um sujeito que controla e delimita o discurso, pois a escrita preserva a existência do autor fornecendo-lhe instrumentos para criar representações discursivas relacionadas a cada época e contexto de fala, manifestando uma forma de função-autor. A sua crítica à noção de autor está direcionada a função atribuída ao sujeito que exerce o poder de criar e organizar certos discursos em determinada época e cultura, exercendo também um papel coercitivo, como qualquer outro procedimento de controle.

A partir destas concepções, analisamos os indícios de autores/autorias e os de plágios nos portais de notícias em análise. A cobertura jornalística é composta por 28 matérias, as quais dividimos em dois quadros. No Quadro 1, apresentamos as notícias que têm incidência de autoria e, no Quadro 2, a de plágio. Os critérios estabelecidos para a análise foram: verificar a presença ou não de plágios, direto e indireto, e de paráfrases parcial e total.

Quadro 1: Cobertura jornalística *on-line* com incidência de autor/autoria

TÍTULOS DA NOTÍCIAS	VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO
Suzane e Anna Jatobá ⁶ deixam presídio por uma semana para comemoração de Dia das Mães	PORTAL 1
Suzane Von Richthofen deixa presídio para Dia das Mães em família	PORTAL 2
Suzane von Richtofen deixa prisão para saída temporária de Dia das Mães	PORTAL 3

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados da cobertura jornalística publicada pelo *Google Notícias*. Disponível em: <https://news.google.com/?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR:pt-419>. Acesso em: 3 jul. 2019.

Dos 28 portais de notícias encontrados, apenas 3 apresentaram indícios de autoria. Foram analisados os títulos e as matérias de forma conjunta para não haver disparidades no objetivo da pesquisa. A partir das análises, constatamos que os portais 1, 2 e 3 possuem indícios de autoria porque apresentam singularidade, uma forma peculiar na produção dos textos. Logo, existe uma preocupação sobre a responsabilidade de divulgação das notícias e a preservação do direito de autoria protegidos pela legislação brasileira. O portal 3 apresenta uma observação para os usuários que desejarem fazer cópia e colar: “Para compartilhar, use o link”. O portal 2 foi mais enfático: “Para compartilhar esse conteúdo, por favor, utilize o link”. O portal 1 apresenta textos com títulos inéditos e indica o link para a notícia.

Os 3 portais presentes no quadro 1 são resultados de análises sobre os conteúdos das matérias, títulos e subtítulos com enfoques nos indícios de autor(ias) embasados nos escritos de Barthes (1988), Foucault (1969), Bakhtin (2011) e Possenti (2002) referentes a autor/autora. Por conseguinte, podemos perceber aí a diferença entre o autor e o escritor. O escritor é apenas alguém designado a escrever, já o autor envolve traços históricos, trazendo possibilidades de suas próprias regras de produção de texto. As instituições de comunicação acima, citadas, ao exporem suas normas de compartilhamentos da informação, asseguram as autorias sobre suas obras.

Na concepção de Possenti, “o autor é de alguma forma construído a partir de um conjunto de textos ligados a seu nome, considerado um conjunto de critérios, dentre eles sua responsabilidade sobre o que põe a circular, um certo projeto que se extrai da obra e

⁶ Anna Carolina Jatobá foi condenada a 26 anos e 8 meses de prisão pelo assassinato da enteada Isabella de Oliveira Nardoni, 5 anos, em 2008. O pai da criança, Alexandre Alves Nardoni, também participou do crime e foi preso.

que se atribui ao autor, etc” (2002, p.107). A seguir, apresentamos a parte 2 da cobertura jornalística que apresenta incidência de plágio.

Quadro 2: Cobertura jornalística *on-line* com incidência de plágio

TÍTULOS DAS NOTÍCIAS	VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO
Suzane e Anna Jatobá deixam presídio para passar Dia das Mães em família	PORTAL 4
Richthofen e Anna Jatobá deixam cadeia para Dia das Mães em família	PORTAL 5
Suzane Von Richthofen e Anna Jatobá deixam prisão para “saidinha” temporária de Dia das Mães	PORTAL 6
Justiça concede saída da prisão a Richthofen e Anna Jatobá de Dia das Mães	PORTAL 7
Suzane Von Richthofen deixa prisão temporariamente por conta do Dia das Mães	PORTAL 8
Saída temporária de Suzane Von Richthofen da cadeia é juridicamente legal	PORTAL 9
Suzane Von Richthofen deixa prisão para “saidinha” temporária de Dia das Mães	PORTAL 10
Suzane Von Richthofen deixa prisão para “saidinha” temporária de Dia das Mães	PORTAL 11
Suzane Von Richthofen deixa prisão para “saidinha” temporária de Dia das Mães	PORTAL 12
Suzane deixa prisão para “saidinha” de Dia das Mães	PORTAL 13
Richthofen deixa prisão para “saidinha” de Dia das Mães	PORTAL 14
Suzane Von Richthofen deixa a prisão para “saidinha” de Dia das Mães	PORTAL 15
Suzane Von Richthofen deixa prisão para “saidinha” de Dia das Mães	PORTAL 16
Suzane Richthofen deixa a prisão para “saidinha” de Dia das Mães	PORTAL 17
Suzane Von Richthofen sai de prisão para “saidinha” de Dia das Mães	PORTAL 18
Suzane Von Richthofen deixa prisão para “saidinha” de Dia das Mães	PORTAL 19
Suzane Richthofen deixa o Tremembé para “saidinha” de Dia das Mães	PORTAL 20
Suzane Von Richthofen deixa prisão em saída de Dia das Mães	PORTAL 21
Suzane Von Richthofen deixa prisão em São Paulo para indulto de Dia das Mães	PORTAL 22
Suzane Von Richthofen deixa prisão para o Dia das Mães	PORTAL 23
Suzane Von Richthofen deixa prisão para o Dia das Mães	PORTAL 24

Suzane deixa a prisão para o Dia das Mães	PORTAL 25
Suzane Richthofen sai da prisão para comemorar o Dia das Mães	PORTAL 26
Condenada por matar os pais, Suzane Von Richthofen deixa prisão para “saidinha” do Dia das Mães	PORTAL 27
Suzane Von Richthofen deixa prisão para curtir o Dia das Mães, após castigo ser cancelado	PORTAL 28

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados da cobertura jornalística publicada pelo *Google Notícias*. Disponível em: <https://news.google.com/?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR:pt-419>. Acesso em: 3 jul. 2019.

Os 25 portais explicitados no quadro 2 apresentam o mapeamento sobre as notícias com incidências de plágios. Quanto à classificação, o plágio pode ser de diferentes tipos, sendo o direto o mais conhecido. Este tipo de plágio corresponde à citação direta de textos em documentos sem a indicação de aspas duplas, representando a reprodução do conteúdo de outro autor na íntegra sem referenciar a fonte, conforme determina a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT 10520 (2002).

De acordo com Garschagen (*apud* Silva, 2008, p. 5), existem três tipos básicos de plágios: o integral que consiste na cópia literal do texto sem citar a fonte; o parcial, o qual refere-se à cópia de partes de textos sem dar os devidos créditos ao autor que o produziu; e o conceitual, que é alusivo à apropriação de teorias ou conceitos apossados pelos plagiadores como se fossem seus. Outro tipo de plágio, até então desconhecido por alguns, é o autoplágio, uma prática que se refere ao próprio autor quando este se apropria de ideias suas já publicadas anteriormente (FURLANETTO; RAUEN; SIEBERT, 2018).

Referenciados por essas concepções, no estudo sobre os títulos foram constatados 6 plágios diretos entre os portais 12, 15, 17, 18, 23 e 24. Quanto aos plágios indiretos, verificamos a sua presença em 11 portais, a saber: 4, 5, 6, 7, 8, 11, 20, 21, 22, 25 e 26. Os demais portais preservaram a autenticidade em seus títulos.

Nas análises das matérias foram encontrados 10 plágios diretos, entre total e parcial, nos seguintes portais: 4, 5, 6, 7, 10, 11, 13, 14, 22 e 27. Observamos que alguns desses portais colocaram a fonte, porém para que esses textos não se configurassem como plágios diretos, deveriam vir entre aspas duplas, conforme a normalização da ABNT 10520 (2002).

Ainda foram constatados 15 plágios indiretos nos seguintes portais: 8, 9, 12, 15,

16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26 e 28. Essas 15 matérias apresentaram recortes de outros textos, como se fossem mosaicos montados com acréscimos de algumas palavras para dar novo sentido ao texto. Essa característica de texto também é classificada como plágio indireto.

A respeito dos subtítulos, encontramos 3 portais que apresentaram plágios indiretos com paráfrases parciais: 9, 12 e 17; e 3 plágios indiretos com paráfrases totais: 8, 11 e 19. Os demais preservaram a autenticidade em seus títulos. Os três últimos portais parafrazearam os textos completamente, como podemos observar abaixo:

Quadro 3: Incidência de plágio nos subtítulos das matérias

VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO	SUBTÍTULOS/PLÁGIOS INDIRETOS (PARÁFRASE – PARCIAL)
PORTAL 9	Suzane tem direito ao benefício devido ao bom comportamento. Ela deve retornar nos próximos 7 dias
PORTAL 12	Condenada a 39 anos de prisão pelo assassinato dos pais em 2002, ela passará sete dias fora do cárcere.
PORTAL 17	Benefício é concedido aos presos que possuem um bom comportamento e que estão em regime semiaberto. Ela deve retornar em sete dias.
VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO	SUBTÍTULOS/PLÁGIOS INDIRETOS (PARÁFRASE – TOTAL)
PORTAL 8	O retorno dela para a cadeia deve ser em sete dias.
PORTAL 11	Ela deve ficar em liberdade até o dia 14 de maio
PORTAL 19	Ela deverá retornar para a penitenciária no dia 14 de maio

Fonte: Quadro elaborado a partir dos dados da cobertura jornalística publicada pelo Google Notícias. Disponível em: <https://news.google.com/?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR:pt-419>. Acesso em: 3 jul. 2019.

Uma leitura criteriosa do conteúdo do Quadro 2, leva-nos não apenas a perceber a incidência de plágios, mas também a conjecturar que o objetivo desses veículos da imprensa não foi informar eticamente o público-alvo. As matérias parecem querer influenciar a opinião pública de forma sensacionalista. Várias omitiram das pessoas os direitos constitucionais da ré, preferindo classificá-los como regalias, daí a palavra “saidinha” ter sido usada tantas vezes.

A imprensa não especifica que todos os presos que têm bom comportamento e

estão em regime semiaberto têm direito de sair do presídio cinco vezes por ano para passar algumas comemorativas livres, como páscoa, dia dos pais, dia das mães, natal e ano novo.

Ao que tudo indica, há a clássica tentativa de conseguir mais audiência, lucro e visibilidade midiática de massa, no contexto da “sociedade do espetáculo”, termo utilizado por Guy Debord, em 1967, para classificar a sociedade das aparências e da ilusão, governada e mediada por imagens que proporcionam a relação social midiaticizada entre as pessoas. De acordo com esse autor, a maioria dessas “imagens” são caracterizadas e impostas ao público de forma pronta, sem consciência crítica, para manipulá-lo. Nessa perspectiva, “A raiz do espetáculo está no terreno da economia tornada abundante, e é de lá que vêm os frutos que tendem finalmente dominar o mercado espetacular” (1997, p. 8). A visão desse meio social mediado ainda continua atual, dialogando com a presente era digital.

Para Antunes Filho (2019), essa é a típica sociedade dos *likes*, aquela que preocupa-se mais com as aparências que com a realidade, tornando-se incapaz de distinguir a ilusão e o real. Diante disso, fica difícil assegurar se já existiu algo classificado como genuíno nesse cenário estereotipado das imagens e *likes*, na qual, conforme Antunes:

[...] as pessoas não se alimentam mais de comida. Elas se alimentam de “likes”. Fazendo de tudo o que podem numa tentativa desesperada para serem relevantes, elas perdem a noção de si e do outro. Nada mais importa a não ser o grande espetáculo. E quanto mais pessoas assistirem, melhor. E se o seu espetáculo é bom, talvez você também seja uma pessoa boa (2019, p. 41-42).

Nessa concepção, o “caso Richtofen” encaixa-se nas ideias propostas pelas “sociedades do espetáculo e dos *likes*” pois todas as vezes que acontece algum fato novo no processo jurídico da ré, os veículos de comunicação rapidamente fazem um “*show*” midiático passando a perseguir, incansavelmente, a jovem com o objetivo de produzirem e publicarem “matérias quentes” visando destacarem-se tanto nas publicações dos jornais televisivos, de circulação nacional, quanto nas coberturas do webjornalismo. Por conseguinte, não é de se estranhar que, muitas vezes, as “notícias quentes” que compõem as coberturas *on-line* apresentem alto índice de incidência de plágio em função da pressa de serem publicadas antes dos outros *sites*.

Enquanto isso, a imagem da ré adentra no campo do “fetichismo da mercadoria” (DEBORD, 1997), proporcionado pelo espetáculo midiático cuja finalidade é vender um espetáculo “da vida real”. Para Debord (1997, p. 28)

O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por “coisas supra-sensíveis embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se faz reconhecer como o sensível por excelência.

Nesse contexto, “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação” (DEBORD, 1997, p. 13).

Concluimos a análise ressaltando que a incidência de plágio no webjornalismo brasileiro, no contexto deste estudo, acontece com muita frequência. O que não é correto nem bom para a qualidade e autenticidade das matérias publicadas no ciberespaço porque falta ética em relação aos jornalistas/autores das notícias que foram divulgadas, ferindo os direitos autorais das fontes originais, bem como compromete o compromisso desses veículos com o público-leitor. O público-alvo das matérias *on-line* visa se informar pautado na confiabilidade e eficiência dos *sites* os quais escolheram para ler e interagir.

Considerações finais

A incidência de plágio no webjornalismo vem sendo tema de constantes debates e discussões na era digital, principalmente no meio jornalístico e acadêmico, devido à gravidade de sonegar aos autores seus direitos autorais. Essa falta de constrangimento por parte de quem se submete a cometer plágio precisa ser combatida. Para isso necessita-se haver mais esclarecimento em relação ao direito de autor/autoria. Este artigo é uma forma de aclarar o público-leitor sobre o esse crime contra a ética.

No campo jornalístico *on-line* o plágio contribui negativamente para a formação da opinião pública por se tratar de um webjornalismo que não valoriza os direitos autorais das fontes, prejudicando a autenticidade e a credibilidade de informar com qualidade.

Quanto ao “caso Richthofen”, é importante discutirmos a forma como a mídia

aborda alguns assassinatos que acabaram ficando famosos devido às exaustivas coberturas em série, tratando-os como verdadeiros “*shows* midiáticos”. Esse procedimento estereotipado de informar o público-alvo dos veículos de comunicação é inadmissível porque fere princípios éticos em relação à vida humana tratando-a como “mercadoria fetichizada” (DEBORD, 1997), bem como ludibria a opinião pública e os direitos humanos. Não podemos compactuar com a naturalização da “sociedade do espetáculo e dos *links*”.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e documentação: Citações em documentos: Apresentação, Rio de Janeiro, 2002.
- ANTUNES, E. F. A Sociedade dos Links. **Revista Temática**, João Pessoa, v. 15, n. 7, p. 41-42, jul. 2019.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FOUCAULT, M. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos – estética**: literatura e pintura; música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. 3, 2006. p. 264-298.
- FURLANETTO, M. M.; RAUEN, F. J.; SIEBERT, S. Plágio e autoplágio: desencontros autorais. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão-SC, v. 18, n. 1, p. 11-19, jan./abr. 2018.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MCLUHAN, H. M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1964.
- MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PALACIOS, M. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Orgs.). **Modelos do jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.
- POSSENTI, S. Índícios de autoria. Florianópolis: **Perspectiva**, v. 20, n.01, p.105-124. jan./jun. 2002.

SANTANA, J. M.; JOBERTO, S. B. M. Um sistema para detecção de plágio em ambiente de aprendizagem virtual. **Mestrado de Redes de Computadores da Universidade Salvador – UNIFACS**, [s.d.]. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:1319&dsID=n06santana03.pdf>. Acesso em: 8 set. 2019.

SILVA, O. S. F. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.13, n. 38, p. 357-414, maio/ago. 2008.

VAZ, T. R. D. O avesso da ética: a questão do plágio e da cópia no ciberespaço. **Cadernos de Pós-Graduação – Educação**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 160, 2006.